



MARGINALIDADES E LIRISMO: CAMINHOS POÉTICOS DE MODUAN MATUS

MARGINALITIES AND LYRICISM: POETIC PATHS OF MODUAN MATUS

Idemburgo Pereira Frazão¹
Yann de Almeida Nascimento²

Resumo: O artigo que aqui se apresenta visa à reflexão sobre aspectos da obra do poeta iguaçuano Edgard Vieira Matos (Moduan Matus), que partem de questões identitárias importantes da Baixada Fluminense e chegam a um maior aprofundamento da relação do poeta com o seu lugar. Entende-se, aqui, como lugar, seguindo os estudos do geógrafo humanista Yi-fu Tuan, um espaço que se tornou mais íntimo, em termos psicológicos. O artigo discorre sobre a problemática da poesia marginal, de 1970, passando por uma rápida menção à relação da “geração mimeógrafo” com o momento político em que vivia (A Ditadura Civil-militar), chegando à análise de textos cujos versos apontam para uma visão mais lírica da existência e do amor, propriamente dito.

Palavras-chave: Moduan Matus; Literatura; identidade; marginalidades; Lugar;

Abstract: The article presented here aims to reflect on aspects of the work of the “Iguaçuano” poet Edgard Vieira Matos (Moduan Matus), which start from important identity issues of the “Baixada Fluminense” and arrive at a deeper deepening of the relationship of the poet with his place. It is understood as a place, following the studies of the humanist geographer Yi-fu Tuan, a space that has become more intimate in psychological terms. The article discusses the problematic of marginal poetry, from 1970, passing by a quick mention of the relationship of the “mimeograph generation” with the political moment in which it lived (The Civil-Military Dictatorship), reaching the analysis of texts whose verses point to a more lyrical view of existence and love, properly said.

Keyword: Moduan Matus; literatures; marginal literature; identities; marginality; Place.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo abordar aspectos extrínsecos da poética marginal de Moduan Matus, pseudônimo de Edgard Vieira Matos, um poeta baixadense cujas obras surgiram durante a Ditadura Militar. Entende-se, aqui, como aspectos intrínsecos, aqueles relacionados, não à forma, em si,

¹ Doutor em Literatura Comparada pela UFRJ; Mestre em Literatura Brasileira pela UERJ. Professor da graduação e do Mestrado e do Doutorado em Humanidade Culturas e Artes da UNIGRANRIO. Líder do grupo Margens da Literatura/CNPq. Autor de obras como Lima Barreto: Diálogos marginais e identidades periféricas; A poética Identitária de Moduan Matus; Entrelinhas: Burocracia e imaginação nos romances de Cyro dos Anjos, dentre outras.

² Graduando em Letras pela Universidade do Grande Rio. Bolsista de Iniciação Científica da Funadesp/UNIGRANRIO.



apontando para aspectos como a materialidade literária, o que envolveria as formas de criação e de comunicação da obra poética, mas ao que vai além de tais aspectos. Ou seja, intenta-se discutir a relação de Moduan Matus com o seu lugar, mas também apontar para suas reflexões sobre as relações interpessoais e, mesmo existenciais.

Parte-se, aqui, da reflexão sobre a problemática do lugar ensejada pelo Geógrafo humanista, que estuda a questão da topofilia (TUAN, 2012). Tal topofilia pode ser entendida, grosso modo, como amor por um lugar. E esse amor se relaciona primordialmente, à experiência, ao contato efetivo do ser humano com o espaço em que habita, o que inclui os seres humanos. E tal experiência leva em conta os cinco sentidos através dos quais se experiencia o mundo circundante. (TUAN, 2015)

Em seus estudos, Tuan aponta para a diferença entre espaço e lugar. Este último termo deve ser entendido como um espaço especial, peculiar. Surge uma relação psicológica, afetiva. Nessa relação, entra em questão, a memória, as identidades locais e, acima de tudo, no caso do artista em destaque, sua militância literária e cultural, na Baixada Fluminense.

Em sua obra poética multifacetada - que inicia no período da poesia marginal de 1970, retomando aspectos poéticos oriundos do concretismo dos irmãos Augusto e Haroldo de Campos e de Décio Pignatari, chegando ao que ele, o poeta nova-iguaçuano, denomina experimentalismo poético-, há uma vertente que tem chamado a atenção de alguns estudiosos da literatura baixadense: sua vertente identitária de periferia. (Ver: MATUS, 2011)

A partir do que se destacou, inicialmente, à guisa de apontar para um dos aspectos centrais do artigo aqui apresentado, visa-se a abordar temáticas relacionadas ao lugar de Moduan, a baixada fluminense. Por extensão refletiu-se, também, sobre o lugar do poeta iguaçuano na literatura brasileira e de sua cosmovisão lírica. Em sua obra poética, em sua vertente identitária, há questões que permitem um aprofundamento sobre a problemática das identidades, mas, também, das marginalidades, visto que o poeta milita em espaços periféricos e



se tornou um dos importantes ativistas culturais da Baixada Fluminense. Para realizar a tarefa reflexiva à qual nos propomos, aqui, analisaremos alguns de seus poemas que mais permitem desvelar sua face identitário-marginal, o olhar humanista, e, mesmo, lírico, de Edgard Matos.

Na interpretação proposta, é possível perceber o modo como Moduan descreve locais e ocorrências cotidianas, reafirmando algumas vezes os estigmas e visões que as pessoas têm da Baixada, como um local perigoso, mas, em outros momentos, aponta para uma baixada muitas vezes desconhecida dos próprios baixadenses. O estudo aqui proposto permitirá também que se mostre como a baixada ultrapassa seus estigmas. Mais ainda, que ela é muito mais do bem do que a mídia, e, mesmo alguns moradores, ajudaram a fixar na mente dos cariocas e dos brasileiros como um todo. O poeta, através de sua voz poética, impulsiona o leitor a ser crítico, mas o orienta a não deixar de “abrir a janela da candura”.

Arte política, repressão e os marginais de classe média

Durante a Ditadura Militar, na década de 1960, aqueles que eram contrários à política predominante, imposta pelos militares e pelas elites abastadas brasileiras, em termos econômicos, eram obrigados a calar, silenciar seus protestos e críticas. A arte, em um momento de extrema repressão e violência (embora velada), passa a ser utilizada como instrumento crítico por aqueles que acreditavam ser a arte capaz de carregar uma mensagem que corresse o olhar individualista marcante da chamada direita política brasileira, que à época não se assumia de tal forma, como ocorre, atualmente. (HOLLANDA, 2004)

As pessoas engajadas em movimentos contrários à Ditadura eram geralmente artistas e intelectuais brasileiros, acompanhados por poucos militares e/ou empresários, como é o caso do General de Exército Nelson Werneck Sodré, um historiador que foi perseguido e expulso do país, juntamente com seu auxiliar no ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros, Joel Rufino



dos Santos. A menção a Joel, aqui, se dá pela maneira como ele trata de questões relativas ao seu exílio e ao período em que, preso, enviava cartas para o filho, mostrando com rara habilidade e sutileza os caminhos e a vivência no cárcere. Essa obra se denomina “Quando voltei tive uma surpresa” e é composta por cartas enviadas ao filho Nelson e agrupadas pela esposa do historiador, escritor e professor de Literatura, Tereza Garbaio. É nesse momento de repressão que a chamada poesia marginal de 1970 se desenvolve. (FRAZÃO e CARVALHO, 2020)

Tratando da problemática da classe social dos poetas marginais, pode-se afirmar que pertenciam, em sua maioria, à classe média. Já Moduan, que também poderia ser inserido entre esses poetas e, muitas vezes, o é, pertencia à periferia e à Baixada Fluminense.

Alguns dos jovens militantes culturais preferiram aderir à luta armada, como, por exemplo, os, depois deputados, Fernando Gabeira, Alfredo Sirkis, dentre muitos outros. Mas esse não foi o caso dos escritores marginais, também denominados geração mimeógrafo. Os marginais poéticos escolheram conscientemente fazer parte da resistência ao regime, apoiando sua luta por meio de discursos de conscientização de tomada de poder da mão dos governantes, mesmo que, de maneira, geralmente, cifrada, indireta, camuflada. Foi com esses objetivos em mente que foi criado o Centro Popular de Cultura – CPC. Como Heloísa Buarque de Hollanda explica em seu livro *Impressões de Viagem*:

O artista revolucionário popular poderia ser o indivíduo que mora na zona sul, trabalha e ganha dinheiro, tem mãe, mas vê que a favela é logo ali e que na porta de seu edifício dorme um mendigo adulto. Sente-se então, compelido a renegar sua existência de ‘burguês de doirada tez’ para juntar-se ao povo. Sua opção é moral. (HOLLANDA, 1980, p. 25)

Por conta do conteúdo de suas mensagens, não demorou até que o CPC sofresse censura. Porém, vale ressaltar, que não houve, inicialmente, uma censura explícita, na circulação das produções teóricas e culturais de esquerda, porém, ocorre o bloqueio destas mesmas a chegarem às classes sociais. Sendo



assim, os que sofreram os efeitos da repressão foram os que tentaram levar essa “conscientização” as classes populares, como alguns intelectuais que serviam como ponte entre os artistas esclarecidos e a população, que o historiador e literato Joel Rufino dos Santos, citado, há pouco, prefere denominar, efetivamente, como, pobres (SANTOS, 2004). Pode-se afirmar, assim, que, havia uma intenção, por parte da repressão, de eliminar a “ponte” que unia esses dois grupos, os intelectuais e os pobres.

Fracassada em suas pretensões revolucionárias e impedida de chegar às classes populares, a produção cultural engajada passa a realizar-se num circuito nitidamente integrado ao sistema – teatro, cinema, disco – e a ser consumida por um público já “convertido” de intelectuais e estudantes da classe média. (HOLLANDA, 1980, p. 30)

Dentre os meios encontrados pelos diferentes grupos para fazer propagar suas mensagens, na literatura um dos caminhos escolhidos foi a marginalidade - nos diversos sentidos que esse termo pode assumir -, com a poesia marginal. É importante ressaltar que a palavra marginal não possui um sentido pejorativo dentro desse movimento. Pelo contrário, ela vem a utilizar um sentido muito mais literal ao definir a escolha de seguir a margem, quando os escritores e poetas conscientemente escolhiam não participar do meio editorial vigente na época, a fim de evitar uma censura quase certa em suas obras.

Os poetas marginais poéticos estavam seguindo, à margem do que era esperado pelas elites brasileiras, e entendido como “certo”. Tais poetas buscavam meios alternativos de espalhar suas ideias contidas em seus escritos. Heloisa Buarque de Hollanda explica que esses escritores da época não tinham o intuito de ingressar em um movimento revolucionário, em termos de utilização de armas e/ou com uma literatura engajada, como ocorreu nos movimentos CPCistas, com autores como o dramaturgo Jean Francesco Guarnieri. Tal marginalidade consistia em ficar à margem do sistema editorial. Mas não significava que não exerciam oposição ao sistema. Criavam uma alternativa para resistir:



Quando Chacal afirma que fazer um livro de poemas revoltados e publicá-los por uma editora, que mantinha todos os vínculos com o sistema, é ‘totalmente incoerente’, explicita a proposta global da opção alternativa (HOLLANDA, 1980, p. 99)

Um dos meios encontrados para a produção desses autores marginais foi o uso do mimeógrafo a álcool, no qual eles produziam quase sempre de modo caseiro e tinham de vender sua obra diretamente ao público, em bares, portas dos cinemas, nas ruas. O aparelho foi usado em tamanha escala nessa época, que seus autores são conhecidos como “Geração Mimeógrafo”. Alguns artistas desse momento histórico chegaram até a ganhar um maior reconhecimento, quando Heloísa Buarque de Hollanda publica o livro “26 poetas hoje”, sendo uma antologia de poemas de poetas marginais que surgiram nesse período, como Chacal, Torquato Neto, Cacaso, Etc.

Moduan Matus, margem das margens

É dentro deste contexto da Geração Marginal que surge Edgard Matos, o Moduan Matus, um poeta de Nova Iguaçu, que não fazia parte da classe média, ou da Zona Sul do Rio de Janeiro, e que militava poeticamente na periferia.

Até o início dos anos noventa
Enfastiados de Morfeu
Se reuniam
Em torno do Tio do angu a baiana
Acrescido de rabada
E conversas fermentadas
Se desdobravam pelo calçadão
Da rua Amaral Peixoto até o arrebol
Era um ponto succulento de cultura
Depois que fechou o bar
Bronca do Sol (MATUS, ([s.d])

Como é possível perceber, a partir da leitura desse poema de Moduan Matus, o local a partir do qual e sobre o qual escreve tem grande importância. O eu-lírico faz referências diretas de sua área de vivência. Daí, entende-se que há uma forte relação com a identidade do autor e com sua relação com o seu lugar. Esse poema aponta para a memória do cotidiano local, e, concomitantemente, à



memória cultural da Baixada Fluminense. Percebe-se, nos trechos “Em torno do Tio do angu a baiana/ se desdobravam pelo calçadão/ Da rua Amaral Peixoto até o arrebol”. (MATUS, s.d.) A rememoração dos momentos de encontro, simultaneamente se transforma em arte.

Essa importância dada por Moduan à Baixada Fluminense, como se pode ratificar com o fragmento:

Se desdobravam pelo calçadão
Da rua Amaral Peixoto até o arrebol
Era um ponto suculento de cultura
Depois que fechou o bar
Bronca do Sol

Não ocorre só no poema acima, mas na sua obra em geral, como veremos mais à frente. A descrição do espaço, em que cita a rua Amaral Peixoto, faz da obra, também um documento de seu tempo. Mais que espaço, o calçadão, a rua Amaral Peixoto, deixam de ser um mero espaço, para se tornar um lugar. Ao refletirmos sobre a problemática do lugar, na obra de Moduan, utilizaremos os estudos do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan, publicados em sua obra *Espaço e Lugar: A perspectiva da Experiência* (2013), onde ele explica que podemos definir Lugar como o local ao qual estamos ligados por meios de laços afetivos, sendo assim, as nossas vivências passam a dar uma importância maior a ele, enquanto que Espaço cabe a definição como um local transitório, o qual estamos, porém não pertencemos. Pertencimento também é algo importante na obra de Moduan, visto que, em seus poemas, ele não tem como objetivo somente falar sobre seu lugar, mas também trazer o reconhecimento dessa região periférica e demarcada por um preconceito cultural

Um estado social periférico estereotipado em;
Deáreadograndeionuncapassará
Sabequesuburbanosempresará
Esenãofizerporsininguémfará.
Assentou-se as microrregiões
Na mesorregião baixadense de verossimilhanças.
E a vida, lagarteando, feito o trem
Sua de sol a sol; buscas:
De alto-estima



De abaixo estigmas
De reconhecimento aguerrido
Ao direito de ir, vir e ver:
Sol brilhar, gente crescer
Igualdade pertencer, ser cúmplice do lugar. (MATUS, [s.d])

No poema acima, o eu lírico descreve a maneira como vê o grupo em que se insere, que se assemelha a outros grupos baixadenses também estigmatizados e excluídos. Isso se pode observar no verso no qual se repete a definição já feita e conhecida pelas pessoas: “Deáreadogrande rionuncapassará” delimitando assim até onde essas pessoas desse grupo têm a capacidade de chegar, e explicitando que essa situação nunca poderia mudar em “Sabequesuburbanosempre será”. Porém, no decorrer do poema, o eu lírico mostra que por mais que se tenha esse pré-conceito já estabelecido, o baixadense trabalha, e trabalha também para mudar essa visão, visando a alcançar os mesmos direitos que as regiões não periféricas.

E desse sentimento de que a baixada precisa sempre transpor e quebrar essas barreiras criadas pelas visões de que ela é uma zona periférica, conseguimos extrair o peso das palavras no poema:

Nada
Impede
A baixada
Nem as
Lombadas (MATUS, 2019)

Neste curto poema, escrito por ocasião do III Seminário Sobre as Margens, realizado na Universidade Unigranrio, em 2019, em uma gização, a pedido da organização do evento, quando o poeta participou de uma mesa redonda, organizada pelo Grupo Margens da Literatura/CNPq, podemos perceber que a Baixada não se refere somente ao local, como uma região. Ou seja, importa também a força individual dos baixadenses.

O poema aponta para a determinação dos moradores da Baixada, em um discurso que mostra a força de vontade deles, que ainda que o trajeto que tenham de percorrer seja árduo, isso não irá para-los: “Nada impede a Baixada”.



Também é possível, na interpretação do poema, remeter a uma questão de infraestrutura dessa região, a qual por vezes não recebe os devidos cuidados, visto que há estradas da baixada que possuem calçamento deficitário, devido à falta de manutenção de suas vias. E, para diminuir a velocidade dos veículos, há, as lombadas. Na analogia realizada, as lombadas não irão travar o caminho para o futuro, desse lugar, com o qual o eu-lírico critica, mas mantém forte relação de afeto. E esse problema aumenta, pelo fato de que as vias baixadenses são dotadas de um fluxo muito maior de carros do que era esperado quando as ruas foram projetadas.

É importante lembrar que Moduan, em alguns momentos, parece reforçar as costumeiras generalizações de um consenso que valoriza os estigmas e olha apenas para o que o lugar tem de ruim. Mas não é o que ocorre.

O poeta não deixa de apontar para seus problemas, citando diretamente os locais afetados por mazelas sociais.

Caminhões ainda pingando
Cheios
De areia lavada
Cruzam as cidades
No asfalto da baixada.
Placas de Seropédica
Placas de Itaguaí
Indo para todos os lados:
Guapimirim, Magé e Paracambi.
O rio de quem nada
Vê
No oco dos redemoinhos
E a água que se precisa
Tomando
Outros caminhos. (MATUS, [s.d.])

Neste poema, mais especificamente, fica clara a denúncia que o eu lírico nem parece estar preocupado em fazer, porém, demonstra estar narrando apenas mais uma ocorrência da mesma. As águas que deveriam estar sendo levadas a estes locais periféricos, distante dos grandes centros urbanos, “Tomando/Outros caminhos” estão sendo usadas para outros fins, levando a entender que essas regiões sofrem com problemas de falta d’água.



Ao falarmos da marginalidade de Moduan Matus é preciso retomar um pouco sua trajetória, a fim de diferenciar sua obra de outros autores da época. Ainda que tenha surgido durante a Poesia Marginal, Moduan não toma os mesmos caminhos que outros autores, visto que não era um morador do centro do Rio, não espalhava sua obra na área da zona Sul carioca, e muito menos fazia parte da classe média, além dessas características é importante comentar sobre um dos traços marcantes de suas obras e seu método de divulgação nessa época. Devido à falta de espaços para suas publicações, Moduan decide escrever seus poemas com giz nas portas das lojas dos estabelecimentos locais da baixada fluminense, principalmente em Nova Iguaçu, quando estas estavam fechadas. (FRAZÃO, 2016)

As portas de aço com ranhuras, pintadas com tinta fosca e escura, refletiam bem os poemas; sucintos, feitos de forma clara, para que os passantes pudessem lê-los caminhando. (MATUS, 2016)

Desse modo, podemos definir Moduan como um poeta “marginal, marginal”, por seguir a margem do próprio movimento do qual se encontra.

Atualmente, Moduan Matus continua engajado com a poesia e em levar essa cultura à baixada fluminense, tanto por meio de eventos no quais tem envolvimento direto, quanto também como convidado. Após suas obras contra ditadura e seus poemas que levassem voz as zonas periféricas da baixada, atualmente Moduan consegue explorar mais temas dentro de sua poesia concretista, como por exemplo em seu livro “Acepções do Amor”, um livro onde são reunidos diversos poemas que revelam a palavra amor ou suas derivações. Nele, é possível perceber quase que uma outra face do poeta, marcada por um lirismo peculiar, até aqui não muito explorado por seus críticos, mas bastante praticado pelo autor.

LUZ

Amar é estar em qualquer lugar

Sem a amada

É estar em qualquer tempo

Com a amada

É fazer poema em qualquer tema

Para a amada

É fazer a vida acontecer



Com a amada
Semeando estrelas
Latentes
Na mesma estrada
(MATUS,2004, p. 38)

No poema acima temos um jogo de palavras onde o eu lírico descreve uma “cena” e após isso ele faz referência a pessoa amada impondo alguma condição “Sem a amada(...) Com a amada(...) Para a amada (...) Com a amada (...)”, criando assim um estilo de narrativa que é quebrado pela mudança de ritmo ao final do poema com “Semeando estrelas/ Latentes/ Na mesma estrada”. Neste poema é possível absorver a ideia de que o amor não impõe condições específicas para ocorrer, ele ocorre como o momento permite e a ideia de dividir esses momentos com a “amada” consegue servir de força motriz, onde no final o que importa são as memórias e situações que ambos viveram juntos.

Agimos
Como se não precisássemos de ninguém
Para chegar a nenhum lugar
Agimos
E tudo que precisamos é que exista alguém
Com quem possamos ficar
Então, precisaremos de tudo
Abrir as janelas da candura
Amar como se fosse uma pele
E de novo
De nada mais vamos precisar
(MATUS,2004, p. 41)

Nesse poema o eu lírico parece explicar ao leitor como as coisas ocorrem, a indiferença com as quais as pessoas vivem “Como se não precisássemos de ninguém/ Para chegar a nenhum lugar” e como esse mundo, essa realidade, consegue mudar quando a pessoa amada surge “E tudo que precisamos é que exista alguém/com quem possamos ficar” trazendo então um sentido de urgência e necessidade, onde ao ser possível a vivência desse amor “De nada mais vamos precisar” sendo essa falta de necessidade, por assim dizer, completamente contrária à – onde antes não precisava de nada para sair da



“mesmice” – visto que o eu lírico agora já possui tudo que precisa, devido a presença da pessoa amada.

Temos, nesses dois últimos poemas citados, um eu lírico que também mostra seu lado afetivo pessoal e humano. Não apenas a questão identitária interessa ao poema. A existência, a relação entre as pessoas. O Moduan Identitário, também é o poeta que aspira pela candura. O lugar poético da Baixada também permite ao eu-lírico vislumbrar um caminho de harmonia e amor. Para isso, o poema orienta: “precisaremos de tudo/abrir janelas da candura”. E tais janelas, abertas quando se tem um olhar crítico, faz do caminho, não uma ilusão, mas uma realidade. Não se deve confundir lirismo com mero “romantismo”, portanto relacionado a uma visão idealizada da realidade. É possível ser lírico sem deixar de ser crítico, parece ensinar o eu-lírico.

Conclusão

No percurso do texto deste artigo, pudemos abrir caminho para o conhecimento de um viés importante da poesia de Moduan Matus. Ao mesmo tempo, crítico, o poeta abre sua visão poética para um lirismo que não olvida a crítica. Ele luta por seu lugar. O lugar, a Baixada Fluminense, também é o lugar em que a poesia se faz presente, como elemento constitutivo da vida amorosa. O eu lírico, como se disse, há pouco, aspira ao amor, deve-se, assim, abrir espaço para a candura, amar a tal ponto que se sinta unificado ao outro, “como uma pele”. Refletir sobre o outro e sobre o seu lugar, não desfaz a capacidade de querer, sempre transformar o espaço baixadense em um lugar de amor. E o amor do poeta por seu lugar, faz com que viva com sua família e crie sua filha em Nova Iguaçu, um dos bairros mais fortes em termos culturais da Baixada Fluminense. Moduan Matus contribui há anos com a cultura de seu lugar, trabalhando em espaços culturais, mas também criando espaços com seus saraus, nas praças, nas escolas e nos quintais. Ele, como afirmou em um dos poemas aqui mencionados, seu eu-lírico, quer “ser cúmplice do lugar”.

REFERÊNCIAS



FRAZÃO, Idemburgo. **O lugar nas margens: uma introdução ao estudo da obra do poeta baixadense Moduan Matus**. XV Encontro Abralic. 2016
<http://www.abralic.org.br/anais-artigos/?id=1423>

FRAZÃO, Idemburgo e CARVALHO, Andressa Monteiro de. XXII CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

Cadernos do CNLF, vol. XXII, n. 03,
http://www.filologia.org.br/xxii_cnlf/cnlf/tomo02/055.pdf Visto em 17/05/2020

HOLLANDA, Heloísa Buarque. **Impressões de Viagem**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

MATUS, Moduan. **Acepções do Amor**. Rio de Janeiro, 2004.

_____. Blog Moduan Matus. 2011. <https://moduanmatus.blogspot.com/2019/07/>
Extraído em 17/05/2020

_____. Nada... (Poema criado por Moduan Matus no III Seminário Margens da Literatura). Duque de Caxias, Unigranrio, 2019

NASCIMENTO, Érica Peçanha. **Vozes marginais na literatura**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Quando voltei, tive uma surpresa: cartas a Nelson**. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 2000.

_____. **Épuras do social. Como podem os intelectuais trabalhar para os pobres**.

São Paulo: Global, 2004.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar. A perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira: Londrina, Eduel. 2015

_____. **TUAN, Yi-Fu Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**, (Tradução de Livia de Oliveira) Londrina: Eduel, 2012.